

Per-corremos, Re-paramos, Re-tornamos e Re-tornar: a importância do conceito de Viagem na Educação

We go, play, return and go back: the importance of the concept of travel in education.

Ângela Saldanha¹

Teresa Eça²

Resumo:

Neste texto refletimos sobre o conceito de Viagem na Educação como prática de experiências estéticas em quatro etapas interrelacionadas, cíclicas e fundamentais para o questionamento contínuo e crítico perante a transdisciplinaridade de tudo aquilo que existe: Per-corremos, Re-paramos, Re-tomamos e Retornar. Interrogamos as práticas das pedagogias pelo afeto, as relações criadas e a sua necessidade na Educação. Relacionamos conceitos e defendemos a interdisciplinaridade das diversas áreas que se cruzam na Viagem e nos evocam novos lugares de ação. Pensamos com as práticas Artísticas, com o ativismo, com objetos espoletadores de perguntas e de ações. Contamos algumas ações no terreno usando os conceitos de Gift, Oferenda, Algibeira (lugar onde guardamos coisas especiais e preciosas), Arte Contemporânea, Estética Relacional, Co-autoria, indivíduo e Ação relacionadas com o conceito aglutinador de “Viagem na Educação”.

Palavras-chave:

Viagem; Educação; Objetos espoletadores; Ativismo.

Abstract:

In this text, we reflect on the concept of Travelling in Education as a practice of aesthetic experiences in four interrelated, cyclical and fundamental stages for the continuous and critical questioning of the transdisciplinarity of everything that exists: Go-through, Re-stop, Re-take and Re-Turn. We question the practices of pedagogies by concepts such as travelling; affection, relationships created and the need for affective relationships in education. We relate concepts and defend the interdisciplinarity of the different areas that intersect them in the Travelling and evoke new places of action. We think of artistic practices, activism, and questions and actions. We count on some actions on the ground using the concepts of Gift, Offering, “purse” (where we store special and precious things), Contemporary Art, Relational Aesthetics, Co-authorship, individual and Action related to the agglutinating concept of “Travel in Education”.

Key words:

Travelling; Education; Spinning objects; Artivism. Gift.

1 CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Universidade Aberta; correio@angelasaldanha.com

2 I2ADS – Universidade do Porto/ CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Universidade Aberta; teresatorreseca@gmail.com

Introdução

A criação de relações é um ato de extrema importância para a sociedade e para o desenvolvimento do indivíduo. E na sua natureza existem diversas ferramentas que potencializam o contacto e promovem a partilha efetiva e afetiva.

Neste texto pretendemos refletir sobre alguns agentes atuantes e espoletadores de ações partindo dos conceitos de oferta, “gift”, lembrança e algibeira aplicados em ações educativas com base na ideia de viagem. Entendemos o estado afetivo num quadro global sistémico como um lugar de vivência (uma experiência pessoal interna que deixa marcas na biografia dos indivíduos (Rojas, 1987: 16).

Pretendemos um trabalho suportado na sensibilidade, na metáfora e na poesia das ferramentas artísticas comportadas na estética relacional de Bourriaud (2009) e na pedagogia pelos afetos. Queremos criar um ‘mapa de territórios afetivos’ capaz de ‘representar ou contar histórias, traduzindo a dinâmica argumental numa dinâmica cartográfica’ (André, 1999: 19).

A defesa da criação de um “espaço entre” em que nos movemos constantemente e criamos conexões e lugares de proximidade com tudo aquilo que nos envolve. Experiências diretas com a realidade que fortalecem a aprendizagem do indivíduo nas suas particularidades e interesses.

Falaremos de objetos mediadores (com o uso das práticas artísticas) que permitem ações fundamentadas e críticas e etnográficas – ativismo (Mourão, 2014).

Espécie de “ativista” (como alguns se auto intitulam), esses artistas-ativistas defendem uma ação contestatária de cariz criativo, precisamente como modo alternativo e complementar aos códigos de atuação das manifestações políticas mais convencionais. (Mourão, 2014: 7)

A a/r/tografia surge aqui como um dos elementos aglutinadores de métodos e de ferramentas para a nossa reflexão. Entendemos a a/r/tografia como conceito híbrido que pela sua flexibilidade responde às necessidades metodológicas do artista/educador e pesquisador proporcionando um campo na pesquisa em arte educação de reconhecido mérito. Da a/r/tografia retiramos o questionamento como forma de vida; como deriva epistemológica. Utilizamos o sentido da metáfora como forma de reflexão e a ação artística como provocação de mudança tendo em conta

um compromisso ético com os participantes. Bebemos também de outros métodos tais como a pesquisa colaborativa, sobretudo pelo compromisso social e procura do desenvolvimento sustentável (Gomez *et al*, 2007)... Como a/r/t/ografias, situamo-nos numa cartografia poética e socialmente comprometida, baseando-nos em práticas que podem ser disruptivas para construir teorias na intersecção entre arte contemporânea ativista e educação (de Eça *et al*, 2012).

Iniciaremos com uma analogia à Viagem e Educação e de como a última se torna mais significativa com os conceitos inerentes à primeira.

Conscientes da importância das relações em qualquer aprendizagem realçamos o uso das práticas artísticas que espoletam conexões entre pessoas e potenciam a sua reflexão em torno de uma sociedade da alteridade.

Na segunda parte deste texto refletiremos e partilharemos histórias híbridas, em viagens, de ações ligadas à educação, de fortalecimento de relações entre culturas e de práticas colaborativas ligadas ao artivismo.

Pretendemos suscitar questionamentos sobre as práticas educativas vigentes, no ocidente, em contextos formais e informais, relacionando conceitos quotidianos para uma educação holística mais próxima da génese do humano.

A Viagem como conceito aglutinador de concepções da educação para o desenvolvimento significativo do Ser Humano

A melhor maneira de viajar é sentir.

Fernando Pessoa

A deslocação faz parte da história e da evolução das espécies e é referida constantemente na Educação.

O sonho que a linha do horizonte permitiu ao longo dos séculos eleva-nos para a procura do que está além e suscita o desejo pelo encontro com o desconhecido.

A viagem permite-nos a possibilidade do encontro conosco e com o outro. “Assim que o exercício reflexivo, e autorreflexivo, que a viagem permite, é experimentado antes mesmo da sua realização (...)” (Peixoto, 2014: 235)

Pre-parar

Na sua preparação, a viagem já foi iniciada, no fazer as malas, num lugar conhecido, cultivamos os desejos, formulamos e revemos mapas, selecionamos e agrupamos tudo o que nos parece necessário para a concretização das possibilidades que vislumbramos para o lugar de destino.

O Caminho-Trajeto, que nos retira do nosso lugar de conforto, entre os lugares, pode ser realizado com o auxílio a diferentes meios de deslocação (a pé, transportes individuais, coletivos...) que alteram, na sua escolha, a sua vivência, não só pelo tempo do percurso, mas também pelo que é encontrado neste entrelugares meeiros.

Pelo caminho RE-PARAMOS, prestamos atenção, detendo-nos com cuidado nos diversos lugares que visitamos, estamos mais conscientes do que rodeia porque tudo é novo. Ativamos a nossa consciência para além do conhecimento.

A Chegada é a união com o desconhecido, o lugar do outro, inicia-se a procura por um lugar confortável de refúgio.

Re-conhecemos

Estamos Conscientes, utilizando todos os nossos sentidos, e disponibilizamo-nos para o encontro com o desconhecido.

O encontro com o Lugar do Outro com todos os projetos construídos e a abertura à descoberta são neste momento sentidas e concretizadas.

O Regresso é o trajeto em que a retroação é mais visível e assume um maior peso no pensamento crítico sobre o resto da viagem.

As etapas da viagem não são estanques, mas relacionam-se e albergam os sonhos, as expectativas, a partilha com os outros, as histórias pessoais e coletivas, as aprendizagens constantes, o deslumbramento, a interação e vivência de outras culturas e os desconfortos/confortos inerentes ao desconhecido.

Ao iniciar uma nova viagem não desvinculamos a anterior mas articulamos com as histórias de viagens passadas e as histórias de todas as possibilidades.

Ao refletirmos sobre a viagem, sobre como esta se revelou importante para a sobrevivência e evolução de várias espécies, dificilmente conseguimos desvincular as suas analogias com uma educação de qualidade e aprendizagens significativas.

Re-tornar

Chegar a outro lugar que nunca é o ponto de partida nem o ponto de chegada, mas um lugar outro, construído na viagem.

Acreditamos no efeito transformador da viagem, da errância (do avançar com o erro) (Careri, 2013), da descoberta, do deslumbramento e da ação. De aprendizagens construtivistas, onde cada indivíduo evolui com a consciência da sua própria errância, em viagens interiores profícuas, mas também no movimento do corpo.

A terra sob os meus pés não é senão um imenso jornal explicado. Às vezes, passa uma fotografia, é uma curiosidade qualquer, e das flores nasce uniformemente o odor, o bom odor de tinta de papel impresso. (Breton, 1924, Apud Careri, 2013: 81)

Nas práticas estéticas/artísticas vários foram e são os movimentos (por exemplo: dadaístas, surrealistas e situacionistas), que utilizam a deriva, a deambulação ou caminho para o conhecimento e criação – psicogeografia (Coverley, 2010) (experiências semelhantes foram também realizadas pelos antigos filósofos).

An extremely high percentage of great thinkers, writers, philosophers throughout history have been avid wanderers or used the act of walking aimlessly as a way to fuel and influence their work. What is it about the act of wandering that feeds the creative mind? How does it allow us to access deeper layers of consciousness? Wandering is not a mindless task, but instead the opposite, the gateway to enlightenment. A surrender to the great mystery. (Smith, 2016: XX)

Uma escola “Ágora”, primitiva, onde se utiliza a deambulação como elemento impulsionador do questionamento. Sendo que o corpo parado-receptor coaduna-se com a escola-fábrica que nos habituamos a encontrar no ocidente, quando historicamente o nomadismo nos proporcionou outras visões e no questionamento nos fez evoluir.

Não queremos com isto dizer que o sedentarismo é inimigo da progressão ou formação, mas que o sentido da viagem e do seu efeito transformador, encontra-se nos dois estados, dependendo das necessidades e condicionantes de cada indivíduo.

Podemos viajar sem sair de um edifício, questionar o mundo (na sua interdisciplinaridade e transdisciplinaridade) e transformarmo-nos constantemente se assim o desejarmos.

O sentido da viagem - de procura e questionamento - está nos nossos genes e o seu

efeito transformador, realizado no nosso interior, pode desenvolver o Ser Humano em respeito com a sua natureza.

As Práticas Artísticas usadas como ferramentas para a criação de relação

Pintor: "Ela prefere imaginar uma relação com alguém ausente do que criar laços com aqueles que estão presentes." Amélie: "Humm, pelo contrário. Talvez faça de tudo para arrumar a vida dos outros." Pintor: "E ela? E as suas desordens? Quem vai pôr em ordem?"

O Fabuloso Destino de AméliePoulain

No caminho da viagem e, assim das aprendizagens, a criação/separação de relações é um elemento fulcral em todo o processo.

Nos outros conhecemos histórias, narrativas e caminhos que nos suscitam o interesse em percorrer os mesmos percursos, ou pelo contrário, nos sugerem a alteração da rota. De qualquer das formas a sua partilha é fundamental para a continuação de um caminho significativo.

Durante a viagem a companhia ou a falta dela, a construção de relações tornam-se fundamentais para a nossa sobrevivência e evolução. Permitem o desenvolvimento da tolerância, respeito, compreensão e alteridade. "A arte contemporânea realmente desenvolve um projeto político quando se empenha em investir e problematizar a esfera das relações." (Bourriaud, 2009:23)

Através do processo do fazer artístico criamos relações, internas e pessoais e externas, interpessoais - na medida em que a obra só se termina na relação com o outro. Partindo do fazer artístico contemporâneo, ativista e colaborativo dialogamos com o outro, trabalhamos com os outros e construímos juntos, somos fazedores de mundos na singeleza dos nossos sonhos. Sonhos, reflexões; questionamentos e construções que desenvolvem narrativas plurais através do afeto e da cumplicidade entre cada participante. O artista, move-se entre lugares, é um mediador, um facilitador de partilhas, um provocador de diálogos e um acionista. Na medida em que aciona algo, uma obra, um evento um momento. Trabalhamos no tempo e no espaço desenhando impossibilidades, criando rupturas, abrindo brechas. Criamos espaços híbridos de percepção, de atenção e de ação. A ação provoca reação num movimento que se pretende emancipador.

A criação de relações como meio de ação artivista – em viagem

“Porquanto

como conhecer as coisas senão sendo-as?”

Jorge de Lima

Partindo do conceito de construção com o que aparece no caminho, com os diferentes questionamentos do lugar, com os materiais inerentes, com a cultura, com as histórias, com as relações e respeito pelo outro... pretendemos pensar sobre a arte contemporânea enquanto produção de uma nova linguagem de comunicação do existente.

Um código que vai muito além das técnicas de formação específicas do ensino formal artístico do produtor/artista.

Uma relação de raízes antigas com o interdisciplinar que se torna transdisciplinar quando colocamos o cerne da questão nos elementos de relação que espoletam novas visões sobre o que nos envolve, permitindo a evolução pessoal (em aliança com o universo).

A exploração da arte, nos nossos dias, nos conceitos de viagem, caminho, diferentes linguagens, corpo, lugar...

A “(...) proposta de habitar um mundo comum (...) de Bourriaud (2009:31) fez-nos querer criar lugares de relação com objetos criativos, realizados à mão e pensados para cada um individualmente, sempre que realizamos viagens e nos encontramos com os Outros (com o intuito de criar relações e redes de partilha).

A primeira vez que pensamos nestas estratégias de relação foi numa viagem a Jaén, Espanha, em que queríamos envolver os professores da universidade no projeto que estávamos a dinamizar: “Maltratadas” (2014). Para isso criamos uma “Algibeira” com um Kit de trabalho (linhas, diferentes tecidos, agulhas...) para que construíssem a sua obra para fazer parte do projeto; a bolsa foi realizado à mão com tecidos tipicamente portugueses e com a inscrição: “TakeAction” (Fig. 1).



Figura 1: Algibeiras realizadas para serem distribuídas em Jaén, Espanha

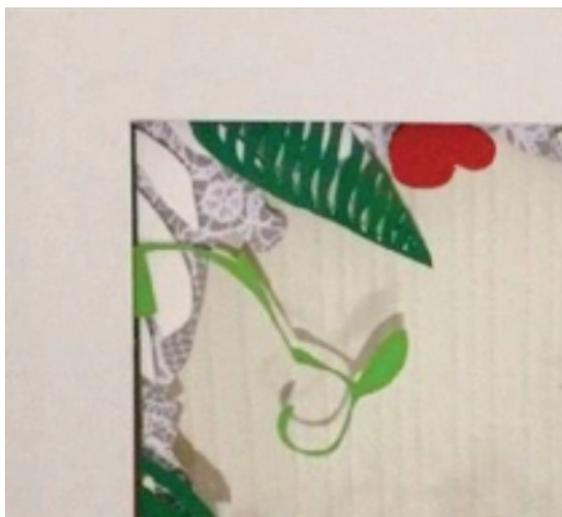
Quando entregamos este Kit, a cada pessoa individualmente, falamos da importância de agirmos localmente com aquilo que temos a nosso dispor e como com pequenos elementos podemos criar e envolver os outros. A criação de lugar interstício de afetos, que por um lado, nos remete para o lugar/tempo/pessoa do objeto espoletador, por outro nos evoca a possibilidade de futuros em comum. “O termo interstício foi usado por Karl Marx para designar comunidades de troca que escapavam ao quadro da economia capitalista, pois não obedeciam à lei do lucro(…)” (Bourriaud, 2009:22)

A oferenda como um espaço para o diálogo e ação. Que transporta uma história (o tempo que foi despendido para a realizar, o afeto, a escolha dos materiais, a cultura, os objetivos...) e que nos faz sentir impulsionados a agir e a devolver.

Georges Bataille and the situationists after him were interested in anthropological theories of the gift in relation to their own visions of expenditure and excess: beyond the traditional anthropological understanding of the gift as a form of reciprocity and reproduction of communities, these authors were interested in gifts as forms of excessive expense, events of transgression that questioned the reproduction of the existing social order. (Sansi, 2015: 88)

Outra ação realizada com a oferenda de algibeiras espoletadoras de ações/relações foi concretizada na Rússia (2015), numa *Summer Schoolem* São Petersburgo, onde os convidados vindos de Portugal trouxeram cerca de cem Algibeiras recheadas de desejos para os dias que se seguiam.

Dentro dessas Algibeiras, com uma inscrição de Fernando Pessoa, e elementos da cultura visual portuguesa, foram colocados simbolicamente vários objetos relacionados com esta viagem em particular para que fossem motivo de debate, como por exemplo: um frasco de sementes da flor de dentes de leão (apanhados individualmente e colocados no frasco); recortes em forma de azulejo (motivos culturais portugueses) para a construção de um teatro de sombras e folhas para a sua continuação; um pacote de chá Gorreana (única marca de chá inteiramente produzido em Portugal) como convite para a conversa (Figuras 2 e 3).



Figuras 2 e 3 – elementos simbólicos inseridos nas Algibeiras distribuídas em São Petersburgo – Rússia

A recepção dos que receberam as oferendas foi de entusiasmo, de necessidade de partilhar e de construir em conjunto. Aqui a língua que tinha sido um inconveniente contínuo, tornou-se acessória, pois falávamos uma língua universal de partilha genuína e todos nos sentíamos como crianças vendo aquilo que tinha sido preparado individualmente para cada um.



Figuras 4, 5 e 6- Algibeiras distribuídas em São Petersburgo – Rússia

Com estas pequenas ações colocamos as mãos abertas ao outro, sem exigências ou pressões. Levamos um pouco de nós e começamos a construir relações ativas sem hierarquias.

(...) relational devices may involve in act of gift-giving, or activate a social relation, like giving candy to strangers; it may be nice instead of violent, but it still a device whose aim is to constitute social relations, activate agents. (Sansi, 2015: 90)

As práticas artísticas como ação colaborativa, política, de relação, co-autoria, de contagem de histórias interculturais, de aprendizagens e de evolução conjunta, permite, neste caso em particular, uma educação assente nos conceitos de viagem: de desenvolvimento humano partilhado; de consciência e respeito intercultural; de ética; de cultivo da paciência e tempo; de flexibilidade e adaptabilidade; de ampliação de horizontes; de relativização de situações. Objetivos importantes para uma Educação sustentável para um futuro sempre imprevisível. “...through gifts, people give themselves to other people.” (Sansi, 2015:99) The gift is not the thing given, but the event of giving; an event that gives itself...(Sansi, 2015:103).

Considerações Finais

A consciência da necessidade de uma educação mais transdisciplinar para uma melhor compreensão do mundo e desenvolvimento holístico do humano é um dos resultados da reflexão que aqui apresentamos.

Relacionamos o conceito de Viagem, de uma forma abrangente, ao de Educação, retomando a ancestralidade do caminho, da deambulação, da procura e do questionamento constante com a experiência.

Pensamos como construir lugares, usando práticas de arte contemporânea, de partilha de experiências e culturas para uma ação conjunta. O desenvolvimento de relações de afecto, onde o tempo despendido é valorizado de forma genuína e os objetos espoletadores concretizadas (oferenda/doação) para cada um individualmente (importância de cada um em particular, numa inclusão de todos na sua individualidade).

Contamos dois exemplos de experiências práticas de ação, depois de três anos de atuações, em que os sentidos são evocados e a poesia e a metáfora têm um lugar especial. Exemplos que refletem a importância da oferenda rica em significados e nas partilhas advindas daí.

Na viagem percorremos os lugares onde nos construímos como pessoas e como grupo. Per-corremos; Re-Paramos; Re-tornamos, e Encontramos o lugar outro. Estabelecemos relações; criamos laços. Entrelaçamos vidas desenhando mapas de afetos e de porvir. Na relação com os outros aceitamos a dádiva e oferecemos as prendas que selam os compromissos. Porque só na generosidade plena do dar e do receber se podem construir caminhos infinitos. No compromisso reside a promessa da educação - o sonho da construção do futuro. E se, na educação voltássemos ao sentido da viagem, da procura conjunta de entendimentos e de possibilidades.

Referências

ANDRE, João Maria. *Da Educação pela Arte A uma Ecologia dos Afectos*. Porto: APECV, 1999.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARERI, Francesco. *Walkscapes – o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, Ltda., 2013.

COVERLEY, Merlin. *Psychogeography*. London: Pocket Essentials, 2010.

EÇA, Teresa de; PARDIÑAS, Maria Jesus; TRIGO, Cristina, Transforming practices and inquiry in-between arts, arts education and research. *International Journal of Education Through Art*. v. 8, n. 2, May, p. 183-190, 2012.

GOMÉZ, J.A.C.; FREITAS, O.M.P.; CALLEGAS, G.V. *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: Perspectivas Pedagógicas e Sociais da Sustentabilidade*. Porto: Prof Edições, 2007.

MOURÃO, Rui. *Ensaio de ativismo*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, 2014.

PEIXOTO, Fernanda. *A viagem como vocação*. São Paulo: Edusp, 2014.

ROJAS, Enrique. *El Laberinto de la afectividad*. Madrid: Espasa Calpe, 1987.

SANSI, Roger. *Art, Anthropology and the gift*. London: Bloomsburry Academic, 2015.

SMITH, Keri. "The Wander society". New York: Penguin Books, 2016.

Angela Saldanha é Pós-doutorada em Média Arte Digital, pela Universidade Aberta, Lisboa. Doutora em Educação Artística, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Mestre em Artes Visuais e Licenciada em Design, pela Universidade de Aveiro. Doutoranda em Arte Contemporânea, no Colégio das Artes, da Universidade de Coimbra. Leciona como Professora Auxiliar Convidada na Universidade Aberta, Portugal. Investigadora no Centro de Investigação em Artes e Comunicação, no polo da Universidade Aberta, e no Instituto de Investigação em Artes, Design e Sociedade, da FBAUP.

Teresa Torres de Eça is the President of the Portuguese Visual Art Teachers Association APECV and President of the International Society for Education Through Art InSEA. She is a member of C3- Inter-action activist art education group and member of the Art Education group at i2ADS -Research Institute in Art, Design and Society, University of Porto. Her research interests are focused on visual narratives; media and digital media, social engaged arts; activist art education, transcultural projects and interdisciplinary education.